

VAN DER KEUR, M. (2013), Resenha a R. J. LITTLEWOOD (2011): *Exemplaria Classica: revista de filologia clássica* 17 (2013) 473-479.

VAN DER KEUR, M. (2015), *A Commentary on Silius Italicus' Punica 13: Intertextuality and Narrative Structure*. Amsterdam, Universiteit Amsterdam (Tese de Doutoramento).

Sophia Xenophontos, *Ethical Education in Plutarch. Moralising Agents and Contexts*. Berlin/Boston, De Gruyter, 2016, 266 pp.: ISBN 978-3-11-035036-4; ISBN (pdf) 978-3-11-035046-3.

JOAQUIM PINHEIRO¹⁶ (*Universidade da Madeira; Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra — Portugal*)

O elemento central deste interessante livro é a análise ética e moral da *paideia*, dos seus agentes e contextos socio-políticos. Com base nos *Moralia* e nas *Vitae*, a A. aprofunda o sentido ético da educação ou formação humana, identificando várias perspectivas do exercício moral, bem como dos seus interveientes, ao longo de sete capítulos. Na exposição dessa dinâmica relacional entre a ética e a *paideia*, desenvolve temas como as marcas do processo educativo no indivíduo, o valor do contexto familiar e, em particular, da relação conjugal, a *paideia* institucional, a expressão da *paideia* na *politeia* e no campo militar, e, ainda, a *paideia* à mesa, no ambiente do *symposion*. Numa sequência de matérias muito bem definida, a A. opta por uma metodologia comparativa, entre as *Vitae* e os *Moralia*, para expor o pensamento de Plutarco sobre a ética e a *paideia*.

O 1.º Capítulo, que serve, sobretudo, como enquadramento teórico, é dedicado, de forma muito objectiva, a um tema central na concepção ética de Plutarco: a *physis*. Procura-se, assim, perceber até que ponto pode a *physis* ser alterada ou se a idade condiciona a *physis*, bem como a influência da *paideia* na formação da *physis* e do carácter do indivíduo. Apesar de haver qualidades que passam de pais para filhos, a natureza pode não ser absolutamente determinante. Além disso, Plutarco parece ter alguma dificuldade em expor claramente as alterações do *ethos*, talvez por, no fundo, considerar que a *physis* humana é imutável. Ainda assim, a A. detém-se em dois processos: a *metabole* (mudança de carácter) e a *epanorthosis* (desenvolvimento ou correcção do

¹⁶ pinus@uma.pt.

carácter). Na maior parte dos casos, a *metabole* está associada a degenerações do carácter, enquanto a *epanorthosis* serve para corrigir erros e melhorar o carácter. De facto, para Plutarco (*Aem.* 1.4), a composição das *Vitae* teve como objectivo a melhoria (*epanorthosis*) do carácter da audiência e do próprio autor. Recorrendo à concepção teórica de Platão e Aristóteles, a A. introduz a discussão sobre a necessidade de se distinguir a *physis* do *ethos*, bem como do efeito da *paideia* e de circunstâncias da própria vida, regulares ou ocasionais, que intervêm na formação do indivíduo. Parece-nos que esta reflexão introdutória sobre a *physis* e o *ethos* poderia ter sido enriquecida com mais elementos sobre a relação de Plutarco com o estoicismo ou com a análise da *prokope*, um conceito relevante para a temática, que só é referido no 3º Capítulo.

No 2.º Capítulo, desenvolve-se a concepção plutarquiana sobre a infância e a relação com a ética, considerando-se essa fase como um momento importante da recepção moral. A partir de alguns textos, constata-se que a infância é usada como modelo didáctico a imitar pelos adultos ou também como exemplo que deve ser evitado. Além disso, pode existir entre a infância e a fase adulta uma continuidade ou repetição de comportamentos. A A. aborda ainda o papel da mãe e do pai nos *Moralia* e *Vitae*. No caso do papel materno, realça-se o facto de, nos *Moralia*, a mãe servir sobretudo para dar à luz e nutrir, numa fase inicial, os filhos, enquanto ao pai cabe a função de preparar a transição para a fase adulta. Nas *Vitae*, no entanto, a mãe tem uma intervenção mais activa na educação dos filhos, sinal da forma como Plutarco combina sistemas morais, ou seja, a tradição helénica com a cultura romana, em que a mulher assume uma função mais relevante na vida dos descendentes. Quanto ao papel paternal, o estudo demonstra a sua influência na construção dos valores morais dos filhos, embora a condição social ou mesmo a presença dos pais não seja determinante para a grandeza futura dos filhos (e.g., Êumenes, Mário, Temístocles, Címon ou Pompeio); em outros casos, os filhos recorrem a uma paternalidade ancestral como forma de estímulo psicológico (e.g., Teseu, António ou Alexandre); ou ainda a vontade de imitar e ultrapassar a grandeza dos pais (e.g., Alexandre) ou de se livrar do legado paterno (e.g., Pompeio); por fim, saliente-se a forma como alguns pais se dedicam à educação moral e/ou intelectual dos seus filhos (e.g., Emílio Paulo, Crasso, Catão Censor ou Fábio Máximo).

O 3.º Capítulo é dedicado a descrever o papel dos *paidagogoi* ou *didaskaloi* na formação moral, tendo em conta a tradição platónica sobre a *paideia*. Numa primeira parte, a partir dos tratados *De audiendis poetis* e *De audiendo*, que desenvolvem temáticas complementares e interligadas, a A. demonstra como Plutarco reserva para a poesia um papel relevante na formação do carácter, mesmo que seja necessário corrigir o texto poético para melhor se adequar ao contexto e ao auditório, em estreita ligação com a filosofia. Na verdade, a palavra poética, com toda a sua polissemia, pode apoiar a discussão filosófica e contribuir para a maturidade reflexiva. O verbo ἀκούω, presente no título dos dois tratados referidos, não significa apenas ouvir, mas também compreender e interpretar, algo que Plutarco pretende enfatizar, pois importa saber ouvir cada uma das perspectivas antes de se formular uma opinião própria. Este processo, aparentemente simples, deve ser fundamental na técnica educativa. Assim, o poeta e o filósofo, com muitas afinidades, desempenham uma acção ética e pedagógica essencial. Na secção seguinte, a A. explora a proximidade temática dos tratados *De audiendo* e *De profectibus in virtute*, dois textos de teor filosófico que provam como Plutarco, ao contrário dos Estóicos, acreditava no progresso (*prokope*) ético, logo na gradação do bem e do mal, identificando os diferentes momentos da *paideia*, desde a infância até à velhice, como o tratado político *An seni respublica gerenda sit* evidencia. De seguida, detendo-se sobretudo nas *Vitae*, a A. identifica, não de forma exaustiva, os educadores que intervêm na primeira fase da vida e os homens sábios que aconselham importantes figuras políticas já numa idade mais avançada. Nos dois casos, Plutarco não se alonga em pormenores, mas percebe-se que os primeiros educadores têm uma função mais técnica, enquanto os segundos distinguem-se pelo aconselhamento moral. De facto, a lição moral ou ética não é propriamente um fim, mas uma das formas de ajudar a moderar a actividade política e social. Depois, a partir dos exemplos de Alcibíades e Díon, demonstra-se que Plutarco segue o tradicional *ethikos topos*, atendendo às marcas platónicas.

Ao tema da relação educativa e moral entre marido e mulher se dedica o 4.º Capítulo. O *thamos* conjugal serve, sobretudo, para realçar a função do marido como guia, filósofo e professor da sua esposa, como Plutarco advoga no tratado *Coniugalia praecepta*, texto que dirige aos dois elementos do casal.

Ainda assim, é sobretudo ao marido que compete ser um modelo moral digno de ser imitado pela sua mulher. Por sua vez, no tratado *Consolatio ad uxorem*, dirigido à sua mulher num contexto psicológico específico devido à perda familiar, Plutarco não só aconselha a mulher e realça os benefícios da cooperação conjugal, num tom próprio de uma *consolatio*, como também pretende que outros destinatários sigam o seu conselho e exemplo. Quanto ao tratado *Mulierum virtutes*, ao contrário dos anteriores, as mulheres são o modelo moral para os homens, embora não tenham uma acção tão profunda, do ponto de vista educativo, como aquele que Diotima teve com Sócrates. Neste caso, a acção moral das mulheres é restrita, até pela sua falta de profundidade filosófica. No caso das *Vitae*, os vários exemplos da função moral das mulheres (e.g., Pórcia, Quilónis, Agiátis, Fúlvia, Cornélia), com algumas diferenças entre si, revelam como se atribui a essa função um papel reduzido, embora seja de salientar que a virtude dessas mulheres apareça nos momentos em que os homens enfrentam situações de perigo ou dificuldade.

No 5.º Capítulo, a A. dedica-se a analisar a relação entre a *politeia* e a *paideia* moral em Plutarco, tendo em conta a influência do pensamento platónico, aristotélico e isocrático. Na verdade, a complexa actividade política assume-se como um desafio para a aplicação da virtude, como testemunham os tratados *Praecepta gerendae reipublicae* e *An seni respublica gerenda sit*. Além disso, estes tratados também demonstram a necessidade de uma boa preparação filosófica, moral e, acrescente-se, retórica, para o desempenho político numa fase já de maturidade. A *paideia* cria, assim, as condições para um *ethos* estável e consistente, capaz de usar o *logos* em vez da emoção. Enquanto actividade dialéctica, a *politeia* exige também que os políticos saibam compreender os cidadãos. Logo, estamos perante processos profundos de socialização, evidentes pela ligação próxima entre educação e política. Como se compreende, enfatiza a A. que o bom *ethos* daquele que exerce funções políticas é uma condição fundamental para o sucesso, na perspectiva de Plutarco. Além disso, note-se como o próprio político surge como modelo educativo apto a ser imitado por aqueles que constituem o corpo político de uma *polis*. Essa função educativa compete, naturalmente, aos políticos mais velhos (cf. *An seni respublica gerenda sit*), já com muita experiência prática. Também por isso, não devem os mais velhos abster-se da *politeia*, pois o seu saber é muito importante

para a *polis* e para aqueles que estão a iniciar o percurso político, não só para a transmissão de conhecimento prático, mas também por causa da formação moral. Numa outra perspectiva, a A. enfatiza o facto de, no tratado *Praecepta gerendae reipublicae*, Plutarco recuperar, como seria expectável, elementos do passado, muitas vezes como *paradeigma*, porém é também nesse tratado que podemos encontrar várias notas autobiográficas. Este facto valoriza o tratado enquanto peça fundamental para se compreender o actual momento político da Grécia sob domínio romano.

O 6.º Capítulo estabelece uma ligação entre o nível moral do *ethos* e a actividade militar. Na perspectiva da A., a educação moral pode determinar a acção e as decisões que se tomam no contexto militar. Num outro sentido, a esfera militar pode servir para avaliar a *paideia* daqueles que desempenham funções de liderança. Como exemplo, a A. analisa os casos de Emílio Paulo e de Sertório, detendo-se muito pouco nas biografias de Timoleonte e Êumenes. Se Emílio Paulo é o exemplo do líder que é professor de filosofia, com formação helénica, e que se distingue pelo seu excepcional carácter moral, capaz de manter o controlo no campo de batalha, Sertório, por sua vez, distingue-se pela sua acção civilizadora junto dos bárbaros e também pelo seu *ethos* e relação com os subordinados. Nos dois casos, a A. realça o facto de estes retratos não coincidirem totalmente com as fontes (cf. Políbio e Salústio, respectivamente), além de considerar que os destinatários ou leitores, sejam Gregos ou Romanos, terão sido decisivos na construção moral e cultural destas biografias. Estranhámos que a A. não tenha feito uso das *synkriseis* dos dois pares, preferindo deter-se numa questão que já ocupou vários estudiosos: a alteração da ordem normal dos pares biografados, Romano-Grego, em vez de Grego-Romano. Além disso, há dois aspectos que gostaríamos de registar: por um lado, é muito complexo separar a *politeia*, tratada no 5º Capítulo, da actividade militar, embora compreendamos a especificidade moral e ética que se pretendeu realçar; por outro, afirma a A. que não há propriamente uma tentativa de idealização dos heróis biografados, mas que são, acima de tudo, seres humanos. Compreendemos esta opinião, mas não será a manipulação das fontes, em favor de um retrato moral positivo, um sinal de uma certa idealização dos heróis?

O elemento central do último capítulo é a perspectiva moral das *Quaestiones convivales*, um “educational handbook” (p. 187), pois o *symposion* é um espaço com características próprias, de índole elitista e de influência sobretudo platónica, e com padrões éticos muito específicos, reflexo da sociedade greco-romana do século II. Numa interessante análise intertextual, a A. realça o facto de Plutarco-autor também ser Plutarco-narrador/participante do *symposion*, que conduz a reflexão sobre uma panóplia de temáticas. Além disso, a proximidade entre o autor e o destinatário parece fazer parte da estratégia didáctica. Essa orientação moralizante do tratado é, desde logo, evidente nos prólogos, em que abundam elementos pedagógicos e éticos, como correctamente aponta o presente estudo. Ainda que se identifiquem marcas do domínio de Plutarco no diálogo, o *symposion* é, obviamente, um momento de troca de ensinamentos. Concordamos com a A. quando defende que, no debate filosófico promovido no *symposion*, não interessa apenas evidenciar o conhecimento do passado, mas é muito importante para Plutarco motivar os seus ouvintes a saber encontrar estratégias políticas e retóricas para influenciar os outros. Deste modo, o *symposion* é um exercício retórico e ético com enorme valor pedagógico, sobretudo atendendo ao contexto social.

Apesar de, em quase todas as secções, a A. ter o cuidado de sintetizar as principais linhas temáticas, termina o seu trabalho com uma Conclusão (pp. 195-203), que, à semelhança do que havia feito na Introdução, serve de guia de leitura, por recuperar as ideias fundamentais de cada um dos capítulos. Trata-se, sem dúvida, de um contributo relevante para quem estuda a obra de Plutarco, mas também para aqueles que se interessam pelo conceito de ética na Antiguidade Clássica. Realce-se, ainda, o facto de a A. não só fundamentar as suas reflexões com frequente referência às *Vitae* ou aos *Moralia*, mas também com um apoio bibliográfico muito consistente. Poder-se-ia, em alguns capítulos, questionar o facto de a A. não referir alguns tratados ou biografias, mas as escolhas que faz são muito representativas para o objectivo do estudo. Em jeito de proposta, parece-nos que faria sentido aprofundar, num capítulo próprio, uma outra perspectiva enriquecedora para o estudo: acções reveladoras da falta de ética e de *paideia*.